

Mem?ria colectiva e identidade nacional: jovens angolanos face ? Hist?ria de Angola

J?lio Mendes*

Eug?nio Silva**

Rosa Cabecinhas***

Resumo

Neste artigo examinamos os resultados preliminares de um estudo emp?rico realizado em Luanda, tendo como objectivo principal estudar as representa?es dos jovens angolanos sobre a hist?ria de Angola. Este estudo foi realizado no ?mbito de um projecto de investiga?o mais amplo, que visa analisar as narrativas identit?rias e as mem?rias colectivas nos pa?ses de l?ngua oficial portuguesa. Neste trabalho ser?o discutidas as representa?es de uma amostra de jovens angolanos sobre os acontecimentos e as personalidades que consideram mais importantes na hist?ria angolana. Discutiremos ainda as principais fontes de informa?o mencionadas pelos jovens.

Palavras-chave: Representa?es sociais, identidades sociais, hist?ria, jovens, educa?o, media, Angola

Abstract

This paper examines preliminary results of an empirical study conducted in Luanda, whose principal aim was to study the representations of Angolan youth about the history of Angola. This study was conducted as part of a broader research project, which aims to analyze the narratives of identity and collective memories in the Portuguese-speaking countries. In this paper we discuss the representations of a sample of Angolan students about the events and personalities that were considered as the most important in the history of Angola. Furthermore, we discuss the main sources of information about national history.

Keywords: History, social representations, social identity, youths, education, media, Angola

* Instituto Superior de Ci?ncias de Educa?o, Universidade Agostinho Neto, Angola juliolo2002@yahoo.com.br

** Centro de Investiga?o em Educa?o, Universidade do Minho esilva@ie.uminho.pt

*** Centro de Estudos de Comunica?o e Sociedade, Universidade do Minho cabecinhas@ics.uminho.pt

1. Introdu?o

Neste artigo examinamos os resultados preliminares de um estudo emp?rico realizado em Luanda, tendo como objectivo principal estudar as representa?es dos jovens angolanos sobre a hist?ria de Angola. Este estudo foi realizado no ?mbito de um projecto de investiga?o mais amplo, que visa analisar as narrativas identit?rias e as mem?rias colectivas nos pa?ses de l?ngua oficial portuguesa¹. Neste trabalho ser?o discutidas as representa?es dos jovens sobre os acontecimentos e personalidades que consideraram mais importantes na hist?ria nacional angolana e as principais fontes de informa?o hist?rica mencionadas pelos jovens.

As narrativas sobre o passado desempenham um papel fundamental na defini?o das identidades nacionais e na forma como cada na?o perspectiva o seu futuro (Liu e Hilton, 2005). Na opini?o de Licata, Klein e G?ly (2007), a mem?ria colectiva desempenha importantes fun?es identit?rias, contribuindo para: a defini?o da identidade do grupo de pertença; a constru?o de uma distintividade positiva atr?v?s de compara?es favor?veis entre o grupo de pertença e o grupo dos outros em dimens?es consideradas relevantes; a justifica?o e legitima?o de comportamentos do grupo de pertença; e a mobiliza?o para a ac?o colectiva.

Estudar as narrativas identit?rias exige um esfor?o de articula?o entre diferentes ?reas disciplinares (e.g., Laszlo, 2003; Sobral, 2006), abordagens metodol?gicas e n?veis de an?lise (e.g., Doise, 1992; Baptista, 2009). A identidade social de uma pessoa resulta do reconhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e do significado emocional atribu?do a essas pertenças (Tajfel, 1981/1983). Na compreens?o das din?micas identit?rias ? necess?rio ter em conta que cada indiv?duo pertence simultaneamente a v?rios grupos sociais, sendo que a sali?ncia das diversas pertenças grupais depende do contexto e do estatuto relativo dos grupos numa dada estrutura social e num dado momento hist?rico (e.g., Lorenzi-Cioldi, 2002).

Na nossa perspectiva, a mem?ria social corresponde a um conjunto de representa?es sociais sobre o passado, que s?o constru?das e partilhadas no seio de um determinado grupo social. As representa?es sociais s?o constru?das atr?v?s dos processos de comunica?o quotidiana, contribuindo para a percep?o de uma realidade comum a um determinado grupo e servindo como guia da ac?o desse grupo (Moscovici, 1998).

Nesse sentido, a mem?ria social est? permanentemente em processo de (re)constru?o. Esse processo ? selectivo e parcial, dependendo das pertenças e redes sociais dos indiv?duos (Cabecinhas, Lima e Chaves, 2006). Reconhecer o car?cter social da mem?ria (Halbwachs, 1950/1997) n?o implica pressupor que as mem?rias sejam uniformes dentro de determinado grupo (nacional, ?tnico, etc.), uma vez que cada indiv?duo recorda factos diferentes em fun?o das suas traject?rias e viv?ncias pessoais.

¹ *Narrativas identit?rias e mem?ria social: a (re)constru?o da lusofonia em contextos interculturais*, financiado pela Funda?o de Ci?ncia e Tecnologia (PTDC/CCI-COM/105100/2008). Agradecemos ao Dr. Tuca Manuel pela colabora?o prestada na recolha de informa?o relativa ? inclus?o de alguns dos acontecimentos nos planos curriculares do ensino prim?rio e secund?rio em Angola. Agradecemos igualmente a todos os estudantes que participaram voluntariamente neste estudo.

Outro aspecto importante a salientar ? que a mem?ria social n?o ? um terreno neutro. As imagens do passado podem servir tanto para legitimar uma dada ordem social como para contestar activamente essa ordem. Assim, a mem?ria social pode ser entendida como um “campo de disputa” entre grupos (Cunha, 2006). Esta dimens?o ? particularmente vis?vel quando nos debru?amos sobre as representa?es da hist?ria de cada na?o.

A import?ncia da dimens?o narrativa na constru?o da mem?ria social foi salientada por diversos autores. Por exemplo, Paul Connerton (1989/1993) destaca o papel das pr?ticas que representam e projectam a identidade social do grupo, atrav?s das quais as hist?rias circulam e s?o partilhadas — a *comemora?o*, o *ritual* e a *tradi?o*. Por exemplo, as comemora?es e os rituais garantem que um dado acontecimento n?o vai ser esquecido pelas gera?es futuras.

Neste trabalho discutimos brevemente alguns dos resultados de um inqu?rito realizado junto de jovens angolanos. Os dados que iremos apresentar foram recolhidos em Luanda durante o m?s de Maio de 2008. Quando nos debru?amos sobre os grupos nacionais, ? necess?rio ter em conta que cada na?o ? um grupo heterog?neo, constitu?do por uma grande diversidade de indiv?duos, com diferentes percursos e experi?ncias de vida e pertencendo a grupos com diferentes posicionamentos na estrutura social. Neste sentido, alertamos que n?o pretendemos generalizar os resultados aos jovens angolanos em geral, mas apenas abordar de forma explorat?ria as representa?es da hist?ria de Angola e as emo?es associadas a essas representa?es.

? interessante analisar a natureza dos processos identit?rios em ?frica na medida em que estes t?m implica?es na forma?o dos jovens, j? que o conhecimento dos acontecimentos e figuras que marcaram a mem?ria colectiva dos povos se apresenta como elemento de relev?ncia que influencia a constru?o identit?ria dos povos e mormente dos jovens.

Quando a investiga?o hist?rica apresenta um n?vel muito incipiente e o conhecimento que da? resulta ? insuficiente ou n?o divulgado, os cidad?os em geral e os jovens em particular, confrontados com os factos ou as figuras da hist?ria que eles desconhecem, apropriam-se e reproduzem as informa?es do senso comum, daqui resultado a constru?o de mitos com muita rapidez. Uma investiga?o hist?rica incipiente n?o gera suficiente produ?o de conhecimento para alimentar os conte?dos dos programas curriculares e manuais, o que impede um tratamento eficaz dos factos hist?ricos no processo de ensino-aprendizagem.

No caso de Angola, este problema coloca-se com uma certa agudeza porque os programas de hist?ria e os respectivos conte?dos program?ticos para os subsistemas do ensino prim?rio e secund?rio nem sempre se apoiam em trabalhos de investiga?o s?rios sobre a hist?ria do pa?s (Cf. Mendes, 2008). Os professores de hist?ria aplicam os programas recorrendo aos seus pr?rios meios e, ?s vezes, encontram dificuldades em responder a algumas quest?es colocadas pelos alunos mais curiosos sobre alguns acontecimentos e figuras da hist?ria de Angola.

2. Metodologia

A pesquisa que esteve na base deste trabalho baseou-se na recolha de representa?es dos jovens angolanos acerca da hist?ria de Angola mediante a aplica?o de um question?rio em que se solicitava a esses jovens que indicassem os acontecimentos e personalidades a que atribu?am maior import?ncia. A compreens?o das respostas partiu da considera?o do contexto sociocultural em que se vem operado a socializa?o e a instru?o destes jovens, por um lado, e dos significados que eles atribu?am aos eventos e personalidades que referiram, por outro. Assim, a interpreta?o dos dados foi um processo que tentou considerar os significados que justificaram as suas escolhas. S?o esses significados culturalmente contextualizados que permitem atribuir sentido aos eventos e interpretar os comportamentos (e.g. L?ssard-H?bert, Goyete e Boutin, 1994: 60; Bodgan e Biklen, 1994: 55), neste caso, referentes ao desenvolvimento do sentimento patri?tico ou ? constru?o do sentido identit?rio dos jovens.

As quest?es que orientaram esta pesquisa foram as seguintes: que imagens t?m os jovens de hoje sobre a hist?ria de Angola? Quais os significados e as emo?es associados aos principais acontecimentos e personalidades hist?ricas? Quais as principais fontes de informa?o sobre a hist?ria do pa?s? Assim, o objectivo do estudo que aqui apresentamos ? analisar as representa?es sociais da hist?ria constru?das pelos jovens angolanos e as emo?es associadas a essas representa?es.

Neste trabalho discutimos brevemente alguns dos resultados de inquiritos realizados junto de jovens em estabelecimentos de ensino em Luanda durante o m?s de Maio de 2008. Participaram neste estudo 184 estudantes, sendo 81 do sexo feminino e 103 do sexo masculino (idade m?dia 21 anos). Verificou-se uma grande heterogeneidade de l?nguas maternas declaradas pelos inquiridos: *kimbundu* (58,2%), *umbundu* (15,8%), *kikongo* (13,6%), *cockw?e* (4,9%), portugu?s (4,9%), crioulo (0,5%), *oxikwanhama* (0,5%) e 7% dos inquiridos n?o responderam a esta quest?o. Na sua maioria, os jovens referiram falar duas ou tr?s destas l?nguas. O portugu?s foi mencionado como segunda l?ngua pela maior parte dos inquiridos. A grande diversidade de l?nguas faladas pelos inquiridos ? um espelho da situa?o lingu?stica em Angola: pa?s com uma l?ngua oficial — o portugu?s — e v?rias nacionais como *kikongo*, *kimbundu*, *cockw?e*, *umbundu*, *nganguela*, *oxikwanhama*, *nhaneka-humbi* (sobre a diversidade lingu?stica em Angola, ver Ntondo e Fernandes, 2004).

? semelhan?a do que fizemos em trabalhos anteriores, conv?m alertar o leitor para o facto de a amostra n?o ser representativa, uma vez que se trata apenas de analisar as percep?es de jovens estudantes em Luanda e n?o dos jovens em geral. Salientamos ainda que os resultados s?o situados no tempo, sendo extremamente dependentes da agenda pol?tica e medi?tica no momento de recolha de dados.

A aplica?o do question?rio foi efectuada em sala de aula, a grupos de alunos. Os estudantes foram convidados a participar num estudo internacional sobre a hist?ria, sendo-lhes explicado que, neste estudo, o que interessava era a sua opini?o pessoal sobre a hist?ria e n?o o seu n?vel de conhecimentos.

No que respeita ?s quest?es sobre a hist?ria nacional, pedia-se aos participantes para listarem os cinco acontecimentos que consideravam mais relevantes na hist?ria de Angola. Uma vez efectuada a listagem, os participantes deveriam avaliar o impacto (positivo ou negativo) de cada um desses acontecimentos e indicar as emo?es que associavam a cada acontecimento. Em seguida, solicitava-se aos participantes para listarem as cinco personalidades que consideravam terem sido mais relevantes na hist?ria de Angola. Uma vez efectuada a listagem, os participantes deveriam indicar as emo?es que se associavam a cada personalidade.

De salientar que a evoca?o de acontecimentos e de personalidades foi efectuada de forma completamente livre, j? que n?o era fornecida qualquer listagem pr?via. As emo?es relativas aos acontecimentos e personalidades foram tamb?m recolhidas de forma aberta, isto ? , os jovens indicaram livremente uma ou mais emo?es e poderiam justificar as suas respostas. J? os n?veis de impacto de cada acontecimento ou personalidade foram medidos atrav?s de escalas de sete pontos (1 = muito negativo; 7 = muito positivo).

Relativamente ?s fontes de informa?o, foi solicitado aos participantes para indicarem quais as suas principais fontes de informa?o sobre a hist?ria de Angola, seleccionando uma ou mais das seguintes op?es: internet; televis?o; r?dio; jornais; livros de estudo; literatura; fam?lia e amigos; associa?es; comemora?es; outras fontes. No caso de escolherem a op?o "outras fontes" deveriam indicar quais.

3. Resultados

Iremos apresentar e discutir sumariamente os resultados obtidos no que respeita ?s representa?es sobre os acontecimentos e personalidades considerados mais importantes na hist?ria de Angola e as fontes de informa?o referidas pelos jovens. Por limita?es de espa?o, nas tabelas de resultados est?o indicados apenas os dez acontecimentos e dez personalidades mais mencionadas pelos participantes neste estudo. De salientar ainda que na designa?o dos acontecimentos ou personalidades ser? adoptada a terminologia mais frequentemente referida pelos participantes.

3.1. Representa?es sobre os acontecimentos da hist?ria de Angola

A tabela 1 apresenta os dez acontecimentos da hist?ria nacional mais referidos pelos jovens estudantes angolanos. Como se pode constatar, o acontecimento hist?rico mais mencionado pelos jovens foi a independ?ncia de Angola (85,71%), a 11 de Novembro de 1975, sendo este acontecimento considerado muito positivo (m?dia = 6,70). Em conson?ncia com esta avalia?o, a independ?ncia de Angola suscitou nos jovens emo?es consensualmente positivas, sobretudo 'alegria' e 'orgulho' na medida em que esse acontecimento representa a maior conquista do povo angolano na

seq?ncia da luta de liberta?o contra o colonialismo portugu?s. Significa, portanto, a reconquista da dignidade do povo angolano e a afirma?o do pa?s no contexto das na?es.

Acontecimento	Percentagem	Impacto
Independ?ncia de Angola (11 de Novembro de 1975)	85,71%	6,70 (1,05)
Memorando de Luena / Dia da paz (4 de Abril de 2002)	70,88%	6,86 (0,45)
Luta armada de liberta?o nacional (1961-1975)	60,44%	5,60 (2,44)
Massacre da Baixa de Kassanje (4 de Janeiro de 1960)	42,86%	2,85 (2,14)
Morte de Jonas Savimbi (22 de Fevereiro 2002)	20,33%	4,79 (2,45)
Tentativa de golpe de estado (27 de Maio de 1977)	19,23%	2,90 (2,76)
Aboli?o da escravatura (10 de Dezembro de 1836)	17,03%	5,97 (1,80)
Guerra Civil (1976-2002)	10,87%	2,31 (2,48)
Tr?fico de escravos (s?culos XVI a XIX)	10,44%	2,06 (1,56)
Dia do Her?i Nacional (17 de Setembro)	9,89%	6,14 (1,68)

Tabela 1: Acontecimentos da hist?ria de Angola

Percentagem (%) = percentagem de respondentes que mencionaram espontaneamente o acontecimento;

Impacto = m?dia de impacto atribu?do ao acontecimento (desvios-padr?o entre par?nteses);

Escala: 1 = muito negativo; 7 = muito positivo

O segundo acontecimento mais mencionado foi o Memorando do Luena (70,88%) assinado 4 de Abril de 2002, sendo considerado o mais positivo da hist?ria nacional (m?dia = 6,86) uma vez que assinala o fim definitivo da longa guerra civil. Este acontecimento tamb?m suscitou nos jovens emo?es consensualmente positivas, sobretudo alegria e orgulho porque simboliza a reconquista da paz depois de uma guerra prolongada com efeitos nefastos para o pa?s, sendo a paz uma das condi?es vitais para o desenvolvimento.

Estes dois acontecimentos que ocupam o lugar cimeiro nas respostas dos jovens (independ?ncia nacional em 1975 e a conquista da paz em 2002) s?o constantemente evocados pelos meios de comunica?o social angolanos aquando das respectivas efem?rides, assinaladas com dias de feriado nacional. O primeiro acontecimento, para

al?m de ser evocado pelos meios de comunica?o social, ocupa lugar de destaque nos manuais escolares em todos os n?veis do sistema educativo. O segundo acontecimento, que veio trazer esperanças de uma vida tranquila, ainda n?o est? reflectido nos manuais de hist?ria por ter ocorrido recentemente. Essa inclus?o depende da rapidez do processo de reforma curricular e reestrutura?o dos manuais escolares.

A luta armada pela liberta?o de Angola foi o terceiro acontecimento mais mencionado (60,44%). ? semelhan?a do que ocorreu nos estudos realizados na Guin? Bissau (Cabecinhas e Nhaga, 2008) e em Mo?ambique (Feij? e Cabecinhas, 2009), os jovens angolanos consideraram a luta armada pela liberta?o nacional um acontecimento positivo (m?dia = 5,60). As emo?es reportadas em rela?o a este acontecimento s?o ambivalentes, embora predominem as emo?es positivas: 'orgulho' e 'alegria', porque resultou na independ?ncia nacional, mas tamb?m 'revolta' e 'tristeza', porque implicou a perda de muitas vidas.

O quarto acontecimento mais evocado pelos jovens refere-se ao massacre da Baixa de Kassanje, a 4 de Janeiro de 1960 (42,86%), ocorrido na sequ?ncia da subleva?o dos camponeses daquela regi?o que trabalhavam na produ?o de algod?o e que eram v?timas de explora?o colonial. Devido ? recusa em continuarem a trabalhar para a empresa produtora de algod?o, nesse dia (e subsequentes) foram mortos entre 5 a 10 mil camponeses, na sequ?ncia dos bombardeamentos com *napalm*, fuzilamentos e outros ataques do ex?rcito colonial portugu?s, como repres?lia (CDIH, 2008: 153-156). A maior parte dos jovens consideraram este acontecimento como negativo, mas alguns consideraram-no como positivo (m?dia = 2,85). As emo?es reportadas em rela?o a este acontecimento s?o mistas, variando entre 'revolta', 'tristeza' e 'alegria'. ? dif?cil compreender por que raz?o este acontecimento pode suscitar alegria mas ? prov?vel que tenha a ver com o reconhecimento da capacidade de resist?ncia e da bravura dos camponeses angolanos contra os colonialistas exploradores. A revolta e a tristeza explicam-se na medida em que se tratou de um acontecimento dram?tico e sangrento, que traduzia a natureza cruel do colonialismo. Sendo um epis?dio da resist?ncia nacionalista contra o colonialismo, associado a outros relacionados com o in?cio da luta armada em 1961, e porque remonta a uma era mais recuada da hist?ria contempor?nea angolana ? natural que tenham surgido na mente dos jovens imprecis?es em rela?o ao ano em que este acontecimento ocorreu (1960 ou 1961).

A morte de Jonas Savimbi, l?der da UNITA, ocorrida a 22 de Fevereiro de 2002, foi referida por 20,33% dos jovens, sendo considerada como um acontecimento ligeiramente positivo (m?dia = 4,79), talvez porque, apesar de se tratar de uma morte que ocorreu um contexto violento, contribuiu para o in?cio da ansiada paz. Este acontecimento, embora relevante para a hist?ria angolana actual, ainda nos manuais escolares que se reportam a um processo de reforma curricular iniciada em 2004, com expans?o gradual aos anos mais avan?ados do plano de estudos mas, dada a sua import?ncia e actualidade, ? abordado no contexto do ensino-aprendizagem. Por ser muito recente e ter tido um impacto significativo e vis?vel, al?m de estar directa-

mente relacionado com o acontecimento assinalado em segundo lugar, seria de esperar que este acontecimento se encontrasse entre os mais mencionados. As emoções associadas a este acontecimento são mistas.

O 27 de Maio de 1977 foi o acontecimento referido em sexto lugar pelos jovens (19,23%; média = 2,90). As emoções reportadas em relação ao mesmo são mistas, mas predomina a 'revolta'. Foi nessa data que ocorreu em Angola uma tentativa de golpe de estado contra o regime monopartidário e autoritário do MPLA cujo fracasso levou à repressão violenta por parte do estado, da qual resultou a morte e o desaparecimento de muitos cidadãos angolanos cujos familiares ainda hoje interpelam o governo (Carreira, 1997; Francisco, 2007; Mateus e Mateus, 2007). Passadas mais de três décadas, este assunto, considerado tabu, ainda não foi abordado pelos investigadores das ciências sociais no sentido de estudar as suas causas e consequências. Por ser tabu, não consta nos manuais de história do ensino oficial e raramente é tratado nas aulas. E por essa razão que a memória colectiva sobre esse acontecimento tem sido construída através das conversas do quotidiano e de acções públicas de algumas organizações de direitos humanos, continuando a perpetuar-se o quadro de opacidade. Curiosamente este acontecimento surge referido duas posições acima de um outro marcante na história de Angola que é a guerra civil, que terminou em 2002. Uma hipótese explicativa pode ter a ver com os efeitos sentidos por estes jovens luandenses em relação aos mesmos. Os efeitos de uma guerra de âmbito nacional são difusos e sentiam-se indirectamente em Luanda ao passo que o golpe de estado teve Luanda como palco e deixou um rasto de muitas mortes.

A abolição da escravatura foi mencionada por 17,03% dos jovens, sendo considerada um acontecimento muito positivo, enquanto o tráfico de escravos foi evocado por 10,44% tendo sido considerado muito negativo. Estes dois acontecimentos ocupam, respectivamente, o sétimo e o nono lugar no ranking das evocações dos participantes, tendo suscitado emoções diferenciadas nos inquiridos: a abolição da escravatura suscitou sobretudo 'alegria' e 'felicidade' por se referir ao fim de uma prática abjecta e condenável, enquanto o tráfico de escravos suscitou sobretudo 'revolta' e 'frustração' por aquilo que representa em termos de repulsa face a um crime contra a humanidade, praticado sob o olhar das outras nações colonizadoras e que roubou do solo pátrio muitos dos seus filhos. Note-se que a escravatura é um tema incontornável na história de África e de Angola pela duração, amplitude e efeitos nefastos produzidos nas sociedades africanas, representando também o lado mais negativo do colonialismo e factor de unidade entre os africanos.

A Guerra Civil foi mencionada por 10,87% dos participantes, sendo considerada um acontecimento muito negativo (média = 2,31). A maioria dos jovens e seus pais foram vítimas desse conflito. A Guerra Civil abrangeu um período muito longo (25 anos, incluindo a 1ª Guerra Civil 1976-1991 e a 2ª Guerra Civil ou Conflito Pós-eleitoral 1992-2002) no qual nasceram muitos destes jovens que, portanto, praticamente não conheceram outra realidade que não a da guerra. Esta Guerra Civil suscitou nos inquiridos emoções muito negativas, sobretudo 'revolta' e 'frustração' na medida

em que representou um per?odo doloroso da hist?ria de Angola, em que ocorreram muitas mortes e a destrui?o de grande parte das infra-estruturas do pa?s, tendo contribuído, portanto, para um retrocesso em termos de desenvolvimento. O mesmo tipo de emo?es negativas ? associado ? “Guerra dos 30 anos”, mencionada por 5,98% dos participantes. A Guerra dos 30 anos inclui a 1^a guerra de liberta?o nacional (1961-1975 — contra o colonizador), a 2^a guerra de liberta?o nacional (1975-1976 — contra os invasores sul-africanos e zairenses) e a 1^a guerra civil entre o MPLA e a UNITA, que decorreu de 1976 a 1991.

O dia do her?i nacional, 17 de Setembro, correspondente ao anivers?rio natal?cio de Agostinho Neto (1922-1979) que foi o l?der do MPLA e o primeiro presidente da rep?blica de Angola, tendo proclamado a sua independ?ncia. Este ? o d?cimo acontecimento mais referido pelos jovens (9,89%; m?dia = 6,14) e que suscitou nos inquiridos sobretudo alegria. Tal emo?o pode dever-se ? constru?o social desta personagem como her?i nacional, no sentido de representar o orgulho nacional, o patriotismo e o s?mbolo maior da independ?ncia nacional conquistada, sendo em torno da sua figura que se tem procurado fomentar o sentimento patri?tico nas novas gera?es.

Fora do *top 10*, mas ainda evocados por percentagens significativas de jovens, est?o acontecimentos ligados ? presen?a portuguesa em Angola. A “coloniza?o de Angola” foi mencionada por 7,14% dos jovens, sendo considerada como um acontecimento negativo enquanto que a “chegada dos portugueses” (em 1482) foi mencionada por 6,04% dos jovens, sendo considerada um acontecimento neutro. Em ambos os casos, os jovens reportaram emo?es ambivalentes: os que se referiram ? “coloniza?o portuguesa” ou ? “ocupa?o portuguesa” reportaram sobretudo emo?es negativas uma vez que o per?odo colonial representou sofrimento para os angolanos e nega?o da sua cultura enquanto que os que referiram a “chegada dos portugueses” reportaram, sobretudo, emo?es positivas. Estes resultados v?o ao encontro dos obtidos junto em outras ex-col?nias portuguesas, sendo que a avalia?o da “coloniza?o” ? sempre negativa enquanto a da “chegada” ou “descoberta” (conforme as designa?es adoptadas pelos participantes) ? considerada neutra ou positiva (Cf. Cabecinhas e ?vora, 2008; Cabecinhas e Feij?o, 2010).

Alguns acontecimentos com conota?o muito negativa ligados ? ocupa?o do territ?rio foram mencionados por poucos participantes: as guerras do *kwata-kwata*, no s?culo XVI (4,40%), que ocorreram entre reinos angolanos com o intuito de capturar escravos para alimentar o neg?cio escravista (Zau, 2009); o regime de trabalho for?ado ou “contrato” (1,1%), que substituiu o regime de escravatura (Zau, 2009).

3.2. Personalidades da hist?ria de Angola

A tabela 2 apresenta as dez personalidades da hist?ria de Angola mais referidas pelos jovens inquiridos. Agostinho Neto (1922-1979) foi mencionado pela larga maioria dos respondentes (86,81%) e a sua ac?o foi considerada como muito positiva (m?dia = 6,44), suscitando emo?es positivas nos inquiridos (admira?o, simpatia e orgulho).

Personalidade	Percentagem	Impacto
Agostinho Neto	86,81%	6,44 (1,62)
Jonas Savimbi	78,02%	3,63 (2,56)
Njinga Mbandi	40,11%	6,73 (0,92)
Mandume	29,67%	6,64 (0,67)
Holden Roberto	27,47%	5,71 (1,44)
Jos? Eduardo dos Santos	18,68%	4,44 (2,02)
Nito Alves	13,74%	6,25 (1,34)
Deolinda Rodrigues	13,19%	6,42 (1,02)
MFulumpinga N'Landu Victor	9,34%	6,73 (0,57)
M?rio Pinto de Andrade	6,04%	6,67 (0,63)

Tabela 2: Personalidades da hist?ria de Angola

Percentagem (%) = percentagem de respondentes que mencionaram a personalidade
 Impacto = m?dia de impacto atribuído ao acontecimento (desvios-padr?o entre par?nteses);
 Escala: 1 = muito negativo; 7 = muito positivo

Agostinho Neto ? muito popularizado pela divulga?o da sua poesia e exaltado todos os anos por ocasi?o do seu anivers?rio natal?cio. Tal est? em conson?ncia com a exalta?o desta personalidade hist?rica efectuada atrav?s de palestras, actividades culturais, concursos liter?rios nas escolas, nas associa?es de escritores, nos bairros e outras institui?es. Outro facto relacionado prende-se com a aprova?o de um dispositivo legal em que os anivers?rios das ex?quias s?o considerados feriado nacional. As ci?ncias sociais continuam a apresentar um d?fice de investiga?o sobre as principais figuras da hist?ria de Angola. Agostinho Neto ? mais conhecido pela sua obra po?tica (*Sagrada Esperan?a e Ren?ncia Imposs?vel*)² do que pelo seu protagonismo enquanto chefe de Estado (1975-1979). Mesmo assim, os exemplares da sua obra po?tica n?o t?em sido regularmente reeditados para n?o se falar das suas interven?es pol?ticas cujas publica?es escasseiam e n?o chegam aos jovens que est?o no ensino secund?rio.

Jonas Savimbi (1924-2002) foi a segunda personalidade mais invocada (78,02%), sendo o seu impacto na hist?ria de Angola considerado negativo pela maior parte dos participantes (m?dia = 3,63). Tal poder? dever-se ? sua recusa dos resultados eleitorais de 1992 e ? n?o aplica?o dos resultados dos diferentes acordos de paz para

² Algumas iniciativas editoriais sobre a figura de Agostinho Neto como *Agostinho Neto: o pensador e o poeta: Col?quio Internacional*, Roma, Universidade de Roma/Embaixada de Angola; MPLA (1996) *A Voz Igual: Ensa?os sobre Agostinho Neto*, Luanda: MPLA; Barradas, Ac?cio (editor) (2005) *Agostinho Neto: Uma vida sem tr?guas 1922-1979*, Lisboa/Luanda, S/Ed.

Angola: Bicesse (1991), Luanda (1994) e os respectivos memorandos do Namibe, Addis-Abeba e Abidjan. Em consequ?ncia, voltou ?s armas e reiniciou a guerra (Valentim, 2010). As emo?es sobre Jonas Savimbi s?o mistas, tanto positivas como negativas, sendo que, por vezes, um mesmo participante indicou emo?es opostas, o que denota uma ambival?ncia em rela?o a esta personalidade (desde raiva e repulsa at? admira?o e orgulho). A raiva e repulsa compreendem-se pelo facto de esta personalidade ter protagonizado uma guerra sangrenta e destrutiva na tentativa de tomar o poder pol?tico e admira?o e orgulho porque foi um nacionalista que lutou pela liberta?o de Angola do jugo colonial.

A Rainha Njinga Mbandi foi referida por 40,11% dos participantes, sendo o seu impacto considerado muito positivo (m?dia = 6,73). Em conson?ncia, as emo?es reportadas em rela?o a esta personalidade foram muito positivas, maioritariamente orgulho e simpatia. Alguma literatura produzida sobre ? figura de Njinga Mbandi (ver, por exemplo: Pacavira, 1988; Parreira, 1990, 2004) ? pouco divulgada entre os jovens. No entanto, esta figura tem sido revitalizada nos ?ltimos anos. Njinga Mbandi simboliza a resist?ncia nacional contra o colonialismo portugu?s, tendo comandado ex?rcitos para expulsar as tropas portuguesas no s?culo XVII.

Mandume foi mencionado em quarto lugar (29,67%), sendo o seu impacto considerado muito positivo (m?dia = 6,64). Em conson?ncia, as emo?es reportadas em rela?o a esta personalidade foram muito positivas, maioritariamente *admira?o e simpatia* pois Mandume foi um soba *kuanhama* que, ap?s ter reunido v?rios ex?rcitos e tendo-se aliado aos alem?es de quem recebeu armas, se rebelou contra a presen?a portuguesa e op?s-se ? penetra?o portuguesa no sul de Angola (Cunene), no primeiro quartel do s?culo XX. Representa, portanto, um s?mbolo da resist?ncia angolana contra o colonialismo (Guebe, 2008; P?lissier, 1997).

Holden Roberto (1923-2007) foi mencionado em quinto lugar (29,67%), sendo o seu impacto tamb?m considerado muito positivo (m?dia = 5,71). Holden Roberto foi o l?der da FNLA, um movimento de liberta?o que combateu o colonialismo portugu?s no norte de Angola e disputou a independ?ncia de Angola com o MPLA e a UNITA. As emo?es reportadas em rela?o a esta personalidade foram positivas, maioritariamente 'simpatia' e 'admira?o' na medida em que o seu nome est? associado ? luta contra o colonialismo (Ganga, 2009).

Jos? Eduardo dos Santos, Presidente de Angola h? 31 anos, foi mencionado por 18,68% dos participantes, sendo o seu impacto considerado positivo por uns e negativo por outros, de que resultou uma m?dia de impacto ligeiramente positiva (m?dia = 4,44). As emo?es reportadas sobre Jos? Eduardo dos Santos foram mistas, embora se tenha verificado um predom?nio das positivas (maioritariamente 'simpatia' e 'orgulho', mas tamb?m, em menor escala, 'raiva' e 'repulsa' pois a sua governa?o tamb?m ? associada ? corrup?o).

Nito Alves foi mencionado por 13,19% dos participantes, sendo o seu impacto considerado muito positivo (m?dia = 6,25). As emo?es reportadas em rela?o a esta

personalidade foram positivas ('simpatia' e 'admira?o'). Nito Alves era militante do MPLA e, em 1977, liderou uma tentativa de golpe de estado contra o regime e o presidente Agostinho Neto. Esse golpe fracassou e ele foi morto, bem como muitos dos seus seguidores mas tamb?m membros do governo (Carreira, 1997; Francisco, 2007; Mateus e Mateus, 2007).

Deolinda Rodrigues foi mencionada por 13,19% dos participantes, sendo o seu impacto considerando muito positivo (m?dia = 6,42). As emo?es reportadas em rela?o a esta personalidade foram positivas (simpatia e admira?o). Deolinda Rodrigues foi guerrilheira do MPLA e participou directamente na luta armada, tendo sido morta numa patrulha, juntamente com outras mulheres guerrilheiras. Representa a participa?o feminina na luta de liberta?o nacional e ? hoje considerada uma hero?na nacional e s?mbolo da organiza?o da mulher angolana (Rodrigues, 2010).

MFullumpinga N?Landu Victor foi mencionado por 9,34% dos participantes, sendo o seu impacto considerado muito positivo (m?dia = 6,73). As emo?es reportadas em rela?o a esta personalidade foram positivas ('admira?o' e 'simpatia'). Esta personalidade, para al?m de ser engenheiro e docente da Universidade, era dirigente de um partido da oposi?o e membro do Conselho da Revolu?o, tendo sido assassinado em 2004, sem que at? hoje, e apesar da investiga?o criminal efectuada, se saiba por quem e por raz?o (Imprensa angolana).

M?rio Pinto de Andrade (1928-1990) foi mencionado por 6,04% dos participantes, sendo o seu impacto considerado muito positivo (m?dia = 6,67). As emo?es reportadas em rela?o a esta personalidade foram positivas (admira?o e simpatia). M?rio Pinto de Andrade foi um intelectual, ensa?sta, nacionalista e dirigente hist?rico do MPLA, tendo lutado pela independ?ncia de Angola (Rocha, 2002: CIDH).

Como podemos constatar na tabela 2, as personalidades hist?ricas mais referidas pelos jovens fazem parte de um passado muito recente ou da actualidade, sendo as personalidades que integram fases mais remotas da hist?ria quase esquecidas. A ?nica personalidade anterior ao s?culo XX que consta no *top 10* ? a Rainha Njinga Mbandi, dos reinos do Ndongo e Matamba. Foi hero?na da resist?ncia angolana contra a ocupa?o portuguesa no s?culo XVII⁵ e forte opositora ao tr?fico de escravos. Assim, verifica-se um total apagamento, na mem?ria colectiva, da hist?ria anterior ? presen?a portuguesa no territ?rio angolano.

Deve-se referir que a maior parte das personalidades do top 10 s?o pessoas ligadas ? vida pol?tica angolana, com destaque para os her?is da resist?ncia contra a ocupa?o portuguesa. Os nomes ausentes dos manuais escolares e que n?o fazem parte da vida pol?tica recente foram, na generalidade, esquecidos pelos jovens, ali?s, mui-

⁵ Recentemente realizou-se em Roma, Maio de 2010, o primeiro Col?quio Internacional sobre esta personalidade hist?rica *Njinga Mbandi: Her?ica Rainha da Resist?ncia Angolana*. Esta iniciativa, segundo os participantes no evento auscultados pelo *Jornal de Angola* "traduziu-se num inestim?vel contributo para o estudo aprofundado da Hist?ria de Angola, enquanto processo imprescind?vel no resgate da identidade cultural angolana e o conseq?ente refor?o da unidade nacional, vistos como a chave mestra para o seu desenvolvimento, depois de ultrajada e distorcida ao longo de s?culos" (consultado em *Angola Dicas*, http://www.angoladicas.com/news_detail.asp?ID-721&lang-pt).

tos deles, que tiveram grande influ?ncia na luta pela independ?ncia nacional e nos primeiros anos da revolu?o angolana nem sequer chegaram ao conhecimento destes jovens, o que se justifica pelo facto de n?o existir um processo sistem?tico de informa?o por via literatura, da comunica?o social ou do ensino-aprendizagem. Os pol?ticos contempor?neos obtiveram destaque em detrimento de figuras da m?sica, da literatura, da economia, do desporto, com protagonismo na traject?ria do pa?s.

Alguns exemplos elucidam bem a falta de destaque dada a figuras da m?sica e da literatura. Rui Mingas, figura de refer?ncia da m?sica angolana foi mencionado apenas por tr?s jovens (1,65%) e Manuel Rui Monteiro, escritor e autor do hino nacional (*Angola avante*) n?o foi referido por qualquer jovem. Escritores com uma produ?o liter?ria significativa e com prest?gio nacional e internacionalmente reconhecidos como Wanhenga Xito, Pepetela, Luandino Vieira, Ruy Duarte de Carvalho, tamb?m n?o foram mencionados por qualquer dos participantes neste estudo.

3.3. Fontes de informa?o sobre a hist?ria de Angola

Como foi referido na metodologia, os participantes neste estudo foram solicitados a indicar quais as suas principais fontes de informa?es sobre a hist?ria de Angola, seleccionando uma ou mais de entre as seguintes op?es: internet; televis?o; r?dio; jornais; livros de estudo; literatura; fam?lia e amigos; associa?es; comemora?es; outras fontes. No caso de escolherem a op?o "outras fontes" deveriam indicar quais.

A tabela 3 apresenta as percentagens relativas ?s fontes de informa?o a que os jovens fizeram refer?ncia. Como se pode constatar, os livros de estudo foram considerados pelos jovens a sua principal fonte de informa?o sobre a hist?ria do pa?s. Se

Fontes de informa?o	Percentagem
Livros de estudo	45,6%
Fam?lia e amigos	41,8%
Televis?o	40,1%
R?dio	40,1%
Jornais	37,9%
Literatura	28,0%
Comemora?es	22,0%
Internet	19,8%
Associa?es	10,4%
Tradi?o oral	4,9%
Professores	4,4%
Outras fontes	5,2%

Tabela 3: Principais fontes de informa?o sobre a hist?ria de Angola

a isto juntarmos os “professores” que, embora n?o constando na lista de fontes colocada para escolha no question?rio, foram mencionados espontaneamente por 4,4% dos inquiridos, verifica-se que o sistema educativo surge claramente como a fonte de informa?o considerada mais importante pelos jovens sobre a hist?ria de Angola, da? a grande prem?ncia de investir em bons manuais escolares e na forma?o dos professores nesta ?rea.

A “fam?lia e amigos” (41,8%) surgem em segundo lugar como fontes de informa?o, o que remete para a grande import?ncia da comunica?o interpessoal quotidiana na forma?o das mem?rias colectivas. Os relatos dos pais, av?s, e outros familiares que viveram em primeira m?o acontecimentos-chave da hist?ria do pa?s constituem uma fonte de informa?o vivencial, entrando por vezes em contradi?o com a informa?o veiculada no sistema de ensino e nos meios de comunica?o social, o que gera ambival?ncias emocionais em rela?o a determinados acontecimentos, como foi referido por alguns jovens em entrevistas explorat?rias. O facto de os familiares mais velhos terem testemunhado ou vivenciado algum acontecimento, leva-os a atribuir sentido a partir de uma dada perspectiva influenciada por valores ou interesses pol?ticos ou culturais. De salientar que a “tradi?o oral”, embora n?o constando na lista de fontes colocada para escolha no question?rio, foi mencionada espontaneamente por 4,9% dos inquiridos, o que refor?a a import?ncia dos processos de comunica?o interpessoal na constru?o das representa?es da hist?ria.

A r?dio e a televis?o surgem *ex aequo* com 40,1%, seguidos dos jornais (37,9%) e a literatura (28%). A internet ? pouco referida como fonte de informa?o sobre a hist?ria de Angola, talvez porque o seu acesso regular ainda ? uma miragem para a maior parte dos inquiridos.

As comemora?es s?o referidas por 22% dos jovens. A import?ncia das comemora?es na mem?ria colectiva ? discutida por diversos autores (e.g. Connerton, 1989/1993; Cunha, 2006).

De entre as “outras fontes” espontaneamente referidas pelos participantes, destacam-se, como j? referimos, a “tradi?o oral” (4,9%) e os professores (4,4%), que, pela sua express?o, foram colocadas na tabela 3. Outras fontes foram referidas muito esporadicamente, como a igreja, o cinema, o teatro, os museus e os debates.

4. Considera?es finais

Neste artigo analis?mos as percep?es de uma amostra de jovens angolanos em Luanda sobre os acontecimentos e as personalidades consideradas mais importantes na hist?ria de Angola e as suas fontes de informa?o sobre a hist?ria do pa?s. De um modo geral, os acontecimentos mais evocados pelos jovens foram os que constam nos manuais escolares e/ou enfatizados pelos meios de comunica?o social aquando da exalta?o das efem?rides transformadas em feriados nacionais. Por exemplo, os acontecimentos que s?o assinalados com feriados nacionais e cujas efe-

m?rides s?o acompanhadas pelos ?rg?os de comunica?o social, como o 4 de Janeiro (a subleva?o da Baixa de Kassanje), o 4 de Fevereiro (in?cio da luta armada de liberta?o nacional que culminou com o 11 de Novembro) est?o entre os mais mencionados pelos jovens. Os resultados evidenciam que os acontecimentos que est?o mais ausentes dos manuais escolares do ensino secund?rio s?o os menos referidos pelos jovens, com a exce?o dos acontecimentos muito recentes sobre os quais os jovens disp?em de informa?o vivencial em primeira m?o. O Memorando do Luena e a morte do l?der da UNITA, Jonas Savimbi (acontecimentos que ainda n?o figuram nos manuais de Hist?ria de Angola), est?o mais pr?ximos da juventude do que qualquer outro, uma vez que foram acontecimentos ocorridos, recentemente, constituindo uma mem?ria vivida em primeira m?o. Os dez anos de conflito ap?s as elei?es de 1992 foram marcantes para a mem?ria colectiva dos angolanos pelo impacto que tiveram na vida das pessoas, obrigando-as a desloca?es for?adas em busca de seguran?a, impondo restri?es ? circula?o devido ? destrui?o das vias terrestres, impedindo a tomada de op?es pessoais dada a incerteza do futuro, condicionando o futuro dos jovens (Zau, 2009).

No que respeita ?s personalidades nacionais, a maior parte das personalidades evocadas pelos jovens s?o pessoas ligadas ? vida pol?tica angolana, com destaque para os her?is da resist?ncia contra a ocupa?o portuguesa. Os nomes ausentes dos manuais escolares e que n?o fazem parte da vida pol?tica recente foram, na generalidade, esquecidos pelos jovens. Os pol?ticos contempor?neos obtiveram destaque em detrimento de figuras da m?sica, da literatura, da economia, do desporto, com protagonismo na traject?ria do pa?s.

De qualquer modo, a realiza?o deste estudo explorat?rio sobre as representa?es da hist?ria de Angola e a sua rela?o com a identidade ilustra bem a necessidade de se trabalhar com maior seriedade as quest?es dos conte?dos dos manuais escolares, do teor das actividades extra-escolares, da natureza das ac?es do associativismo juvenil e da investiga?o cient?fica sobre os factos hist?ricos para que os jovens em forma?o tenham acesso a informa?o de qualidade sobre a realidade e a hist?ria do pa?s.

Os novos programas de hist?ria aplicados no ensino secund?rio ? luz da reforma educativa ficaram distorcidos n?o levando em linha de conta a articula?o vertical dos conte?dos. Por essa raz?o acontecimentos e figuras da hist?ria de Angola nos diferentes per?odos do seu percurso foram omitidos. Os planificadores dos programas e conte?dos de hist?ria negligenciaram a produ?o historiogr?fica feita em Angola nas ?ltimas duas d?cadas. Estas ac?es n?o foram acompanhadas com pol?ticas culturais consistentes em que a literatura (poesia, romance e ensaio) fosse acess?vel devido ? alta dos pre?os e a falta de bibliotecas nas escolas do ensino secund?rio. Estes factores levaram os jovens a n?o criarem h?bitos de leitura.

No que concerne ?s fontes de informa?o sobre a hist?ria de Angola, o sistema educativo surge claramente como a fonte de informa?o considerada mais importante pelos jovens (nomeadamente os livros de estudo). A comunica?o interpessoal quotidiana (relatos dos familiares e amigos, etc.) afigura-se tamb?m de grande

importância na formação das memórias colectivas. As fontes de informação vivencial, por vezes, entram em contradição com a informação veiculada no sistema de ensino e nos meios de comunicação social, o que gera ambivalências emocionais nos jovens.

Os jovens recorrem, algumas vezes, à imprensa diária e semanal, à rádio e à televisão. Mesmo nessa área, o número de exemplares da imprensa que circulam em Luanda é exígua, a preços altos. Para as televisões o acesso é limitado pelas dificuldades das famílias no acesso à electricidade. Apesar dessas limitações, os meios de comunicação social, nomeadamente, a rádio, a televisão e os jornais foram também bastante mencionados pelos jovens, sendo a internet pouco referida comparativamente com os outros suportes. Tal poderá dever-se ao facto de o acesso diário aos meios digitais ainda estar reservado a uma elite. No entanto, esta realidade está em rápida mutação e é bastante provável que os meios digitais venham a assumir um papel cada vez mais preponderante, não só como meio de informação sobre a história e cultura de Angola, mas também enquanto meio de discussão de assuntos que não encontram eco em outros suportes.

Bibliografia

- AAVV (2002) *Agostinho Neto: o Pensador e o Poeta: Colóquio Internacional*, Roma: Universidade de Roma / Embaixada de Angola.
- Andrade, H. P. (2010) *Mário Pinto de Andrade. Um olhar íntimo*, Luanda: Xá de Caxinde.
- Baptista, M. M. (Ed.) (2009) *Cultura: Metodologias e Investigação*, Lisboa: Ver o Verso Edições.
- Barradas, A. (Ed.) (2005) *Agostinho Neto: Uma vida sem tréguas 1922-1979*, Lisboa/Luanda: s/ed.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994) *Investigação qualitativa em Educação. Uma introdução à Teoria e aos métodos*, Porto: Porto Editora.
- Cabecinhas R. & Évora, S. L. (2008) 'Visões do mundo e da nação: jovens cabo-verdianos face à história' in M. Martins & M. Pinto (Org.). *Comunicação e cidadania. Actas do 5º congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, pp. 2685-2706. <http://hdl.handle.net/1822/9222>
- Cabecinhas, R. & Feijó, J. (2010) 'Collective Memories of Portuguese Colonial Action in Africa: Representations of the Colonial Past among Mozambicans and Portuguese Youths', *International Journal of Conflict and Violence*, 4 (1), pp. 28-44. <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0070-ijcv-2010111>
- Cabecinhas, R. & Nhaga, N. (2008) 'Memórias coloniais e diálogos pós-coloniais: Guiné-Bissau e Portugal' in R. Cabecinhas, & L. Cunha (Eds.) (2008) *Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios*, Porto: Campo das letras, pp. 109-132. <http://hdl.handle.net/1822/9320>
- Cabecinhas, R., Lima, M. & Chaves, A. (2006) 'Identities nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história' in J. Miranda & M. I. João (Eds.) (2006) *Identities Nacionais em Debate*, Oeiras: Celta, pp. 67-92 [<http://hdl.handle.net/1822/6165>]
- Carreira, I. (1997) *O Pensamento Estratégico de Agostinho Neto*, Lisboa: Dom Quixote.
- Centro de Documentação e Investigação Histórica do Comité Central do MPLA (2008), *História do MPLA* (Volumes I e II), Luanda: CDIH.
- Coelho, V. (2010) *Em Busca de Kábàsa!. Estudos e Reflexões sobre o Reino do Ndongo. Contribuições para a História de Angola*, Luanda: Kilombelombe.
- Connerton, P. (1989/1993) *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras: Celta.
- Cosme, L. (2004) *Agostinho Neto e o seu Tempo*, Lisboa: Campo de Letras.

- Cunha, L. (2006) *Mem?ria Social em Campo Maior: Usos e Percursos da Fronteira*, Lisboa: Dom Quixote.
- Doise, W. (1982) *L'Explication en Psychologie Sociale*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Feij?o, J. & Cabecinhas, R. (2009) 'Representa?es da hist?ria de Mo?ambique por parte de estudantes universit?rios de Maputo' in Martins, M. & Cabecinhas, R. (2009) *Anu?rio Internacional de Comunica?o Lus?fona*, Braga: Universidade do Minho/Gr?cio Editor, pp. 37-52.
- Francisco, M. (2007) *Nuvem Negra o Drama do 27 de Maio de 1977*, Lisboa: Cl?ssica Editora.
- Ganga, J. P. (2009) *O Pai do Nacionalismo Angolano: Mem?rias de Holden Roberto*, Luanda: Edi?o do Autor.
- Guebe, A. (2008) *Resist?ncia ? Ocupa?o Colonial do Sul de Angola - Regi?o dos Va-Nyaneka-va-Nkumbi e dos Va-Ambo (1850-1917)*, Luanda: Arte Viva.
- Halbwachs, M. (1950/1997) *La m?moire collective*, Paris: Albin Michel.
- L?szl?o, J. (2003) 'History, identity and narratives' in J. L?szl?o & W. Wagner (Eds.) (2003) *Theories and controversies in societal psychology*, Budapest: New Mandate Publisher, pp. 180-192.
- Lessard-H?bert, M., Goyete, G. & Boutin, G. (1994) *Investiga?o Qualitativa. Fundamentos e Pr?ticas*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Licata, L., Klein, O. & G?ly, R. (2007) 'M?moire des conflits, conflits de m?moires: Une approche psychosociale et philosophique du r?le de la m?moire collective dans les processus de r?conciliation intergroupe', *Social Science Information*, 46(4), pp. 563-589.
- Liu, J. H. & Hilton, D. (2005) 'How the past weighs on the present: Towards a social psychology of histories', *British Journal of Social Psychology*, 44, pp. 537-556.
- Lorenzi-Cioldi, F. (2002) *Les Repr?sentations des Groupes Dominants et Domin?s. Collections et Agr?gats*, Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Mateus, D. C. & Mateus, ?. (2007) *Purga em Angola: O 27 de Maio de 1977*, Porto: ASA.
- Mendes, J. (2008) *A ?frica nos programas de Hist?ria do ensino m?dio*, Disserta?o de Mestrado. Luanda: Universidade Agostinho Neto.
- Moscovici, S. (1998) 'The history and actuality of social representations' in U. Flick (Ed.) (1998) *The Psychology of the social*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 209-247.
- MPLA (1996) *A Voz Igual, Ensaio sobre Agostinho Neto*, MPLA: Luanda.
- Neto, I. A. (1998) *Angola ? Fl?r da Pele*, Luanda: INALD.
- Ntondo, Z. & Fernandes, J. (2004) *Angola. Povos e L?nguas*, Luanda: Nzila.
- Pacavira, M. P. (1998) *Jinga Mbandi*, Luanda: Uni?o dos Escritores Angolanos.
- Parreira, A. (1990) *Economia e Sociedade em Angola na ?poca da Rainha Jinga: S?culo XVII*, Lisboa: Estampa.
- Parreira, A. (2004) *Dicion?rio das Biografias Angolanas*, Luanda: Kulonga.
- P?lissier, R. (1997) *Hist?ria das Campanhas de Angola: Resist?ncias e Revoltas 1845-1941*, Lisboa: Estampa.
- Rocha, E. (2002) *Angola: Contribui?o ao Estudo do Nacionalismo Moderno Angolano, (Per?odo 1950-1964) testemunho e estudo documental*, Luanda: Kilombelombe.
- Rodrigues, L.J. (2010) *Her?inas de Angola*, Luanda: Mayamba.
- Sobral, J. M. (2006) 'Mem?ria e identidade nacional: considera?es de car?cter geral e o caso portugu?s' in Silva, M. C. (Org.) (2006) *Na?o e Estado: Entre o Global e o Local*, Porto: Afrontamento, pp. 27-49.
- Tajfel, H. (1981/1983) *Grupos Humanos e Categorias Sociais* (Volumes I e II), Lisboa: Livros Horizonte.
- Valentim, J. (2010) *Caminhos para Paz e Reconcilia?o Nacional. De Gbagdolite a Bicesse (1989-1992)*, Luanda: Mayamba.
- Zau, F. (2009) *Educa?o em Angola. Novos Trilhos para o Desenvolvimento*, Lisboa: Movilivros.